

## A secura de Deleuze\*

André Martins\*\*  
Danilo Bilate\*\*\*

Um leitor de *Diferença e Repetição* declarava durante a leitura: “Tenho a impressão de comer um biscoito em que falta manteiga. Ele é excelente, mas seco”. Impressão frequente de secura ao ler Deleuze, e que não enfraquece com o hábito; ao contrário, que tem antes a tendência a se reforçar. Mas, ao mesmo tempo, ela se valoriza: a secura, que de início engasga, chega a seduzir o leitor ao descobrir tudo o que ela lhe poupa. Aqui não há lágrimas, não há emoção, não há tremores metafísicos; mas também não há cumplicidade com os grandes temas que geralmente continuam a reter o interesse filosófico: nenhuma preocupação com a transcendência da alma ou da mente, nenhum interesse por um sentido da história ou uma racionalidade do devir (que os modernos neo-hegelianos pretendem exhibir em nome de Nietzsche, de Marx ou de Freud), nenhum respeito em relação a valores quaisquer, de ordem estética ou moral. Assim, o que caracteriza Deleuze é, acima de tudo, uma bela falta de entusiasmo: a filosofia não é feita para contribuir para a manutenção deste ou daquele devaneio humano. Trata-se apenas de descrever e, tanto quanto se puder fazê-lo, de avaliar. Avaliar, não em função de valores extrínsecos e exteriores ao discurso considerado, mas em função da coerência e da riqueza internas de uma filosofia. Jacques Lacan declara, no início de um de seus *Escritos*: “Um pouco de entusiasmo é a marca mais garantida em um escrito para que ele fique datado”. Essa marca está ausente de todos os textos de Deleuze. Contenção tanto mais exemplar na medida em que ela não significa de modo algum uma relativa insensibilidade alojada na própria pessoa de Deleuze: essa, ao contrário, possui como todo mundo uma gama de fantasmas pessoais, porém aos quais Deleuze soube recusar, até o presente, o acesso direto à sua obra escrita. Essa censura deve ser colocada, entre outras virtudes, no crédito de Deleuze: ela é uma marca obrigatória do que se faz de honroso em matéria de literatura.

O exame do catálogo das obras de Deleuze confirma essa impressão de frieza: seu conjunto díspar e seu ecletismo parecem testemunhar uma “objetividade” bastante

---

\* Texto de Clément Rosset publicado em 1972 na revista *L'Arc* nº49, inteiramente dedicada ao pensamento de Deleuze. Republicado em ROSSET, C. *Faits-divers*, Paris: PUF, 2013 (coletânea de artigos organizada por Nicolas Delon e Santiago Espinoza). Traduzido do original francês por Danilo Bilate e André Martins.

\*\* Professor do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ. Contato: [andre.mar@terra.com.br](mailto:andre.mar@terra.com.br).

\*\*\* Professor Adjunto do Departamento de Filosofia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Seropédica, RJ, Brasil. Contato: [daniobilate@yahoo.com.br](mailto:daniobilate@yahoo.com.br).

indiferente ao conteúdo daquilo que ela examina. Há um pequeno livro – admirável pela ousadia e pela precisão – sobre Hume. Há um grande livro sobre Nietzsche, ao qual é preciso render essa homenagem de que ele é o único a ter sido escrito por um intelectual francês e que não é completamente estranho ao pensamento nietzschiano. Há um pequeno volume sobre Kant: destinado a princípio à instrução de estudantes, ele constitui uma chave do kantismo, maravilhosa por sua simplicidade e precisão. Há um livro sobre Proust que propõe uma interpretação herética (antiplatônica) da essência proustiana. Há um livro sobre Bergson como um filósofo sério – talvez também o único livro escrito de Deleuze, diga-se de passagem, onde falta manteiga absolutamente. Há um livro sobre Spinoza, que percebe um escoliasta nietzschiano por detrás do geômetra pseudo-cartesiano. Há, enfim, livros, mais recentes, onde Deleuze retoma por sua conta alguns dos temas que havia colocado em evidência neste ou naquele livro – essencialmente as noções de diferença e repetição diferencial, que separam, segundo Deleuze, os filósofos clássicos (Platão, Kant, Hegel) dos filósofos heterodoxos (Lucrecio, Hume, Nietzsche): ideia-força tanto de *Diferença e repetição* quanto de *Lógica do sentido*.

Tudo isso dá uma impressão ao mesmo tempo de dispersão e de ecletismo, como se todos os filósofos e todos os temas filosóficos abordados por Deleuze se encontrassem situados sobre um mesmo plano, reduzidos a uma mesma superfície (como *Lógica do sentido* sugere aliás explicitamente). Cada filósofo vale o que a análise deleuziana quer: as construções filosóficas se diferenciam apenas pela solidez e sutileza de sua armadura. Essas duas coordenadas bastam para informar sobre o valor de toda a filosofia estudada: 1) o sistema se sustenta? ; 2) ele consegue ser ao mesmo tempo sutil, isto é, aprisionar em sua armadura o maior número possível de elementos? Assim, todas as filosofias parecem reduzidas unicamente ao seu esqueleto, privadas de sua carne ou, como diria Lacan, do “ar de sua canção”: Deleuze ignora que um filósofo não escreve apenas porque deseja construir um belo sistema, ao mesmo tempo coerente e com nuances, mas também, e sobretudo, porque as questões que ele aborda pela via do discurso filosófico são carregadas de afetividade e lhe “tocam o coração”, como diz Scapin em Molière. Ignorância voluntária: Deleuze deseja ser indiferente a essas “significações” afetivas, tal como um anatomista preocupado apenas com as articulações do corpo que ele dissecava. Assim procedia Saint-Saëns quando algum jovem músico lhe submetia o manuscrito de uma sinfonia ou de um concerto: ignorando as pompas orquestrais do *allegro* inicial, ele passava imediatamente ao exame do

movimento lento, ao adágio central – “quero ver como você fica despido”, ele declarava ao compositor inquieto. A mesma investigação técnica em Deleuze: ignora-se se uma filosofia é bela, se ela é verdadeira, se ela “soa” bem; quer-se antes examinar como ela é feita, apreender seu modelo de construção, determinar a solidez de seu agenciamento.

Método que poderia ser apenas acadêmico e apenas universitário: de fato, Deleuze parece por vezes estranhamente próximo de M. Gueroult. Mas há uma pequena diferença. O método de Deleuze pega emprestado da Universidade seu rigor, mas ao serviço de um pensamento que não é nem universitário, nem acadêmico: precisamente na medida em que ele não está ao serviço de nenhum pensamento, de nenhum objetivo, de nenhum tema particulares. Tal é o que se poderia chamar (inspirando-nos das séries de paradoxos propostos em *Lógica do sentido*: paradoxo de Carroll, paradoxo de Lacan, etc.) de paradoxo de Deleuze: a aliança do sentido da nuance, da precisão, da distinção, com a falta de todo sistema onde integrar essas noções por vezes um pouco sutilmente, mas sempre justamente, distinguidas. Em outros termos: a precisão para nada. Perfeitamente distinta, a noção é ao mesmo tempo emancipada de todo contexto, o que a torna ininteligível e inefável, assim como a essência segundo Proust: é por isso que Deleuze opõe à concepção cartesiana de ideia clara e distinta a sua própria concepção de ideia distinta e obscura, obscura na medida da sua própria distinção (quanto mais a ideia é distinta, menos ela informa sobre ela mesma, ou, antes, sobre sua relação com outras ideias). Paradoxo de uma inteligência cuja finalidade é conceber sua própria ininteligibilidade, e que reconhece sua obra nos seus próprios limites: o acesso ao singular, na compreensão da unicidade (de um fato como de um pensamento), que é seu objetivo, é ao mesmo tempo seu fim. Muito esforço, na verdade, para trazer à luz algo que não propicia nenhum aprendizado – e nenhum prazer – à inteligência. Pois todo pensamento (associação de ideias) não é menos temerário do que as associações de acontecimentos que os homens chamam de fatos, e clama em definitivo um mesmo diagnóstico de contingencialidade. Deleuze o dizia desde o seu primeiro livro: “o fundo da mente é delírio, acaso, indiferença”.

*Recebido em 03/06/2019*

*Aprovado em 29/06/2019*